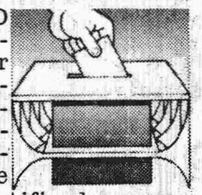
Collor recusa o apoio da "linha dura"

Candidato considera "esdrúxula" adesão de militares desse grupo à sua campanha



BRASÍLIA — O candidato Fernando Collor de Mello rejeitou com veemência, ontem, o anunciado apoio de militares identificados com a "linha dura". "Não busco esse apoio, não o quero e não os conheço", declarou Collor, depois de anunciar que o senador mineiro Itamar Franco será o candidato a vice-presidente em sua chapa e que o senador maranhense João Castelo e sua mulher, Gardênia, ex-prefeita de São Luís, deixaram o PDS para aderir ao PRN.

Alguns minutos mais tarde, jornalistas perguntaram a Collor como recebia o apoio do general Newton Cruz, que foi chefe da Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI) no governo Figueiredo e executor de medidas de emergência no Distrito Federal, em abril de 1984. O candidato pareceu surpreso: "Só me faltava essa! É uma coisa tão esdrúxula, tão extemporânea, que eu não sei o que dizer".

O deputado alagoano Renan Calheiros, que foi do PMDB e do PSDB antes de se filiar ao PRN, socorreu Collor, lembrando que Cruz é ligado ao ex-presidente João Figueiredo. A lógica de Calheiros é de que Figueiredo apóia Leonel Brizola, logo, Cruz deveria apoiar Brizola, e não Collor. Calheiros é, hoje, o parlamentar mais ligado a Collor e participa das discussões sobre as adesões ao ex-governador de Alagoas. Segundo ele, o PRN conta com 17 parlamentares, entre os que já se filiaram e os que estão prontos a fazê-lo.

"A direita não nos interessa", assegurou Calheiros, enquanto assistia a uma entrevista de Collor a emissoras de rádio. O senador João Castelo e Gardênia, disse, são "símbolos da resistência nacional a Sarney" e "garantia de que Collor vai vencer no Maranhão". Calheiros frisou que mais de cem parlamentares já procuraram contato com o candidato para discutir apoio, mas nem todos serão aceitos. Faltam apenas três parlamentares para que ele passe a dispor de dez minutos por dia na televisão em vez de cinco.

MILITARES DE MENOS

Ao anunciar Itamar Franco como seu vice, Collor disse que o senador mineiro será o elo de ligação com o Congresso na campanha e no governo eleito. Diante da pergunta de se pediria licença do mandato para se dedicar à campanha eleitoral, Itamar vacilou e acabou não respondendo. "Não sei qual vai ser a melhor trincheira", alegou. Collor reafirmou que vai extinguir o SNI: "Itamar Franco e eu vamos acabar com essa repartição apodrecida", assegurou. "Serviço de informação aqui é conversa de comadre que bota bomba no Riocentro", disse. Collor pretende constituir "um grupo de avaliação das informações, até no âmbito internacional, com pessoas de cérebro, que possam analisar os vários aspectos de uma questão e ajudar o presidente da República a decidir". Collor confirmou também sua intenção de acabar com os ministérios militares e criar o Ministério da Defesa.

O ex-governador rejeitou a tese de que vem se firmando como candidato da direita: "Meu crescimento se dá com eleitores que não podem ser considerados de direita, haja vista que estou tirando votos do Lula",

André Dusek/AE

Collor, com Itamar, sobre a anunciada adesão do general Cruz: "Só me faltava essa!"